

RESUMO EXPANDIDO - EIXO 1 – CUIDADO NA PRÁTICA DE  
ENFERMAGEM

**PREVALÊNCIA DE RADIODERMATITE EM PACIENTES COM CÂNCER EM  
REGIÃO PÉLVICA**

*Vanessa Eduarda Cortelini (197297@upf.br)*

*Caryna Amaral Leite (181679@upf.br)*

*Adriana Vicenzi (adri.vicenzi@yahoo.com.br)*

*Hérique Dos Santos (heriquedossantos@hotmail.com)*

*Graciela De Brum Palmeiras (gracielabrum@upf.br)*

*Cristhie Megier Trautmann (194743@upf.br)*

Introdução: O câncer é considerado um dos principais problemas de saúde pública no

mundo e existem diversas formas de tratamento, sendo uma delas a radioterapia, seja ela,

isolada ou combinada (1). Os tipos de câncer de pelve mais prevalentes no Brasil, são o

câncer de próstata no homem e o câncer de colo uterino na mulher. O câncer de próstata é

o quinto mais prevalente no mundo entre homens, a estimativa entre 2023 e 2025 é de

71.730 novos casos no Brasil. Sendo a prevalência do câncer de colo uterino de 51.030

novos casos, bem como o câncer de bexiga tem como previsão para o triênio de cerca de

11.370 novos casos e 7.840 novos casos de câncer de útero(2). A radioterapia é uma

modalidade de tratamento utilizada para controle e erradicação de diversas neoplasias

malignas. Apesar dos benefícios, oferece aos pacientes alguns efeitos adversos, entre estes

as radiodermatites. As radiodermatites são alterações inflamatórias e reativas na pele

causadas pela exposição à radiação ionizante e de raio X durante o tratamento de

radioterapia. Essas reações variam em intensidade, desde eritema superficial até a

ulceração grave, impactando a qualidade de vida dos pacientes e até na eficácia do

tratamento. A radiodermatite se destaca pela sua magnitude, que é identificada pela alta

prevalência, evidências indicam que cerca de 93% a 99% dos pacientes com câncer, em

diferentes localizações, sob tratamento com radioterapia com indicação curativa,

desenvolvem essa condição. Apesar dos avanços terapêuticos e do crescente interesse para

o gerenciamento de lesões de pele, a radiodermatite se configura como principal evento

1Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade de PassoFundo. E-mail: 197297@upf.br

2Enfermeira Especialista em Atenção ao Câncer, Residência Multiprofissional Integrada de Atenção ao Câncer

da Universidade de Passo Fundo.

3Enfermeira Especialista em Enfermagem Oncológica, Hospital São Vicente de Paulo, Passo Fundo.

4Enfermeiro, Hospital São Vicente de Paulo, Passo Fundo.

5Doutora em Enfermagem, Docente do Programa de Pós- Graduação em Envelhecimento Humano da

Universidade de Passo Fundo.

adverso da terapia radioterápica, constituindo um grave problema por comprometer a

qualidade de vida dos pacientes, gerar custos elevados para serviços de saúde e requerer

esforços substanciais para prevenção, controle e tratamento(3)

. Objetivo: Analisar a

prevalência de radiodermatite em pacientes com câncer de pele em tratamento de

radioterapia. Método: Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, do tipo descritivo

analítico e de cunho transversal, dados parciais do projeto institucionalizado intitulado

“Análise da relação entre radiodermatite e os padrões de impressão dermatoglíficos em

pacientes em tratamento de radioterapia”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa

(CEP) da Universidade de Passo Fundo (UPF) sob parecer nº

6.036.325. Realizado em um ambulatório de radioterapia de uma instituição hospitalar de

referência para o tratamento oncológico. A coleta de dados foi realizada na primeira

consulta de enfermagem, por meio da aplicação de um questionário estruturado contendo

dados sociodemográficos e clínicos dos pacientes, avaliação do fototipo da pele pela

Escala de Fitzpatrick, avaliações quanto ao grau de toxicidade, segundo o critério de escore

para morbidade aguda por radiação pela escala do Radiation Therapy Oncology Group

(RTOG), além dos protocolos de avaliação do próprio setor, bem como, registros

fotográficos semanais. Os dados foram digitados em planilha do Microsoft Office Excel®,

transferidos e analisados com auxílio do programa Statistical Package for the Social

Sciences (SPSS). Quanto às técnicas e métodos estatísticos, foram utilizados o teste não

paramétrico de Mann-Whitney, Qui-quadrado e exato de Fisher. A avaliação da condição

de normalidade foi realizada por meio do teste de Shapiro-Wilk. Para a análise da

homocedasticidade das variâncias foi utilizado o teste de Levene. O nível de significância

foi de  $p < 0,05$ . Resultados e discussão: Participaram do estudo 27 pacientes com

diagnóstico de câncer de pelve (próstata, colo uterino, útero, colo retal e bexiga), sendo

66,7% do sexo masculino, com idade média de 61,7 anos, mediana 65 anos, desvio padrão

de 14,9 anos e amplitude interquartílica de 20 anos. Quanto à escolaridade, 51,9% possuem

o ensino fundamental incompleto, 66,7% fazem uso de medicamento contínuo para

doenças crônicas, prevalecendo à hipertensão arterial. Em relação aos tipos de câncer dos

participantes desta pesquisa, 55,6% realizaram tratamento de câncer de próstata, 18,5%

câncer de colo uterino, seguido de 7,4% de câncer de reto e útero na mesma proporção e

3,7% câncer de bexiga. Os achados deste estudo estão em concordância com

pesquisas realizadas na Europa e América do Norte, onde 88,0% dos pacientes eram do

sexo masculino, 59,4% tinham câncer de próstata e com idade média de 60 a 70 anos de

idade, ou seja, com prevalência em homens idosos(4)

. Dos 27 pacientes avaliados, o

tratamento variou entre 10 e 30 frações de radioterapia, 51,9% realizaram 28 frações.

Quanto ao fototipo de pele, conforme a escala de Fitzpatrick, 66,7% apresentou fototipo

II e 44,1% apresentaram durante o tratamento algum grau de radiodermatite, predominando o grau I. Estudos desenvolvidos trazem que cerca de 26,0% dos pacientes

que tratam pelve irá desenvolver algum grau de radiodermatite(5)

. Entre os 27 pacientes

avaliados, foram observadas nas avaliações semanais: calor local, prurido, dor, pele

ressecada ou com descamação e hiperemia. Prevalecendo calor local na 2<sup>a</sup> avaliação em

96,3%, prurido na 1<sup>a</sup> avaliação em 100,0%, a dor prevaleceu na 1<sup>a</sup> avaliação em 85,2%,

pele áspera e ressecada e hiperemia na 1<sup>a</sup> avaliação em 96,3%. Conclusão: 44,1 % dos

pacientes apresentaram durante o tratamento algum grau de radiodermatite, predominando

o grau I. A radiodermatite pode ocorrer durante o tratamento, ou até mesmo após o

término, sendo assim, fica evidente a existência de uma lacuna nos estudos sobre esta

temática em relação a melhor forma de prevenção. Desta forma, sugere-se a realização de

novos estudos abrangendo inovações tecnológicas para a prevenção de radiodermatite e

melhora da qualidade de vida dos pacientes.

Palavras-chave: neoplasias pélvicas; radiodermatite; radioterapia; enfermagem.